

# Os tempos do espaço de Cheleiros

Não apenas as cronologias são artefactos como artefactos  
são as hipóteses explicativas ou modelos que construímos.  
Quando se gastam, ou se provam inadequados, substituem-se.

Gonçalves, 1989, p.474

# I. Cronologias do Neolítico final e Calcolítico: a Península de Lisboa e as outras áreas

A perspetivação cronológica para o IV e III milénios no Centro/Sul de Portugal encontra-se ainda em estado incipiente não permitindo uma associação fiável entre estruturas materiais (artefactos, tipos de ocupação, implantações, economia) e de pensamento (ideias sociais e do sagrado, imagens dominantes e seu significado, modalidades funerárias).

Estamos ainda no limiar de podermos associar o *que* aconteceu a *quando* se passou. Não obstante, muitas têm sido as certezas instituídas que nos conduzem necessariamente a leituras pré-determinadas. A área da Península de Lisboa é paradigmática nestas certezas e em alguns equívocos, mas ainda assim é a área do actual território português onde encontramos mais elementos (datas, estratigrafias) para estabelecer sequências de ocupação. Para o Sul de Portugal, o número de datas e sequências obtidas começa agora a ser mais elevado, reportando-se quase exclusivamente a povoados fortificados (Monte da Tumba, Santa Justa, S. Brás, Monte Novo dos Albardeiros), mas que como apenas integra recentes escavações não oferece tantos problemas de leitura.

## 1.1 O carácter absoluto das datas

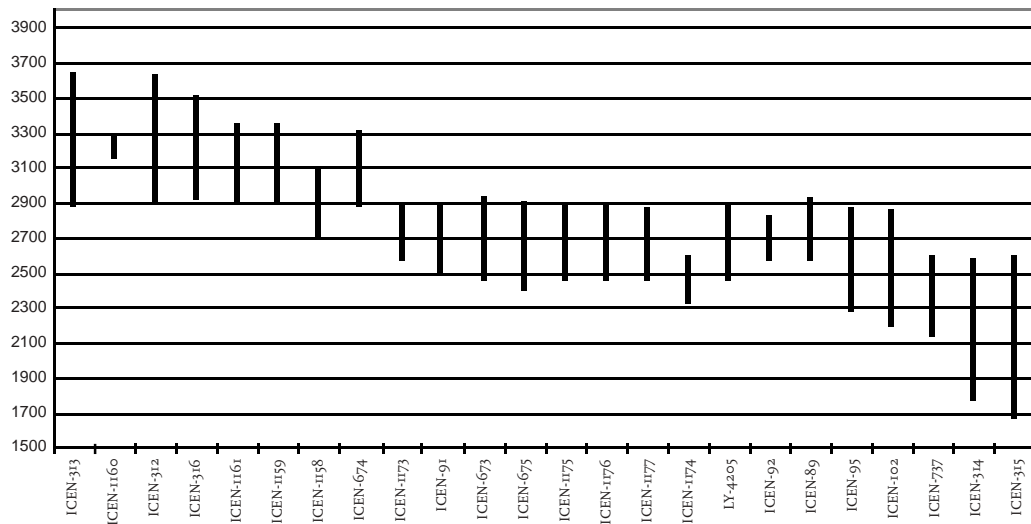
---

Até aos anos 60, a interpretação do Calcolítico peninsular estava exclusivamente baseada em fósseis indicadores, em algumas genéricas sequências estratigráficas e num enquadramento teórico. Actualmente, as posições inverteram-se: as propostas teóricas estão largamente dependentes e expectantes do aparecimento de sequências seguras de datações absolutas. As datas de radiocarbono vieram provocar a falência gradual e a intranquilidade dos clássicos esquemas de periodização calcolíticos (Los Millares I e II para o Sudeste ou Vila Nova de São Pedro I e II). Apesar da verdadeira “revolução” que o radiocarbono suscitou nos estudos do Calcolítico peninsular, é particularmente curioso referir que para os mais emblemáticos povoados fortificados calcolíticos a informação cronométrica é escassa: para Vila Nova de São Pedro ainda não se obteve qualquer datação e para Los Millares apenas três datas estão disponíveis.

O problema da periodização mais fina para este período não pode ser apenas solucionado através do acumular de datações, já que estas não encerram um valor interpretativo intrínseco nem se “arrumam” em blocos sequenciais. A publicação de listagens de datas relativamente extensas tanto para o Centro como para o Sul (Soares e Cabral, 1993) ou para o Sudeste peninsular (Medeiros Martín, 1995) fornece um instrumento de leitura precioso, mas não constitui por si em perspectivas de periodizações regionais ou sequenciais locais. Aqui procurou-se uniformizar as leituras citando-se sempre as datas calibradas através do programa CALIB 3.0.1 de Stuiver e Reimer e publicadas em bloco nos dois textos acima citados.

As 58 datações absolutas que hoje estão disponíveis para a área da Península de Lisboa, revelam-se largamente insuficientes: não somente pelo montante de datas (que corresponde a nove povoados e três necrópoles) mas sobretudo pela indefinição dos conteúdos que estas datam. Os poucos sítios onde se dispõe informação mínima da realidade arqueológica

## LICEIA



## ZAMBUJAL

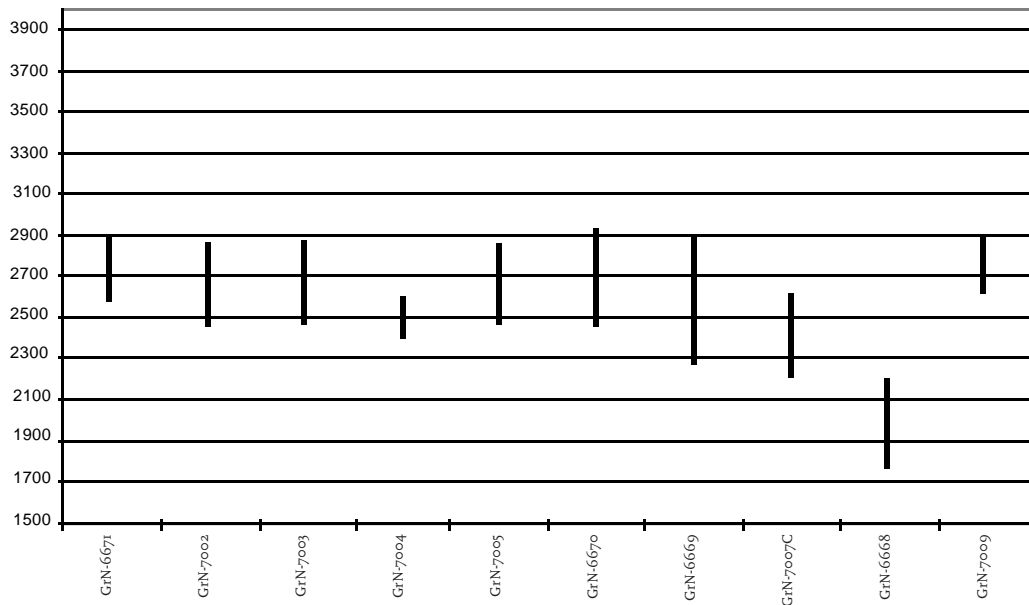


FIG. 32 – Liceia e Zambujal: duas sequências do Neolítico final - Calcolítico. Datas calibradas a 2 o segundo o Programa CALIB 3.0.3 e a curva de intersecção de Stuiver e Reimer (1993).

datável, como Liceia ou o Alto do Dafundo, são citados à exaustão, enquanto que outras datas obtidas há mais de uma década, como a sequência do Zambujal, sítio paradigmático do Calcolítico estremenho, permanecem por compreender efectivamente. Comparativamente com o universo em estudo, o número de datações para povoados fortificados é largamente maioritário no conjunto de datações para o Neolítico final e Calcolítico, o que naturalmente sobrevaloriza estes sítios em relação a outras realidades contextuais (povoados abertos,

sítios do Neolítico final, necrópoles), esta situação passa-se tanto na Península de Lisboa como no Sul (Alentejo e Algarve) e até mesmo no Sudeste peninsular.

Datar povoados com uma longa história de ocupação é sempre difícil, e quando se pretende sobrepor fases de ocupação, fases de construção (povoados fortificados) e “épocas” (Neolítico final, Calcolítico inicial, médio e final) a compreensão não é imediata. A própria história de utilização destes sítios propicia as indefinições. Apesar de todas estas dificuldades, é apenas com trabalhos de escavação em extensão e longas séries de datações que podemos começar a entender a história de cada sítio para assim partir para análises mais globais. Em geral torna-se muito difícil distinguir as fases de ocupação de um sítio através da cronologia absoluta. O estudo do Buraco da Pala (Sanches, Soares e Mathias, 1993) é disso testemunha: com 22 datas absolutas não foi possível estabelecer relação de sincronia/diacronia entre estruturas sem correlação estratigráfica.

É porém através das datas obtidas para cada sítio arqueológico que se podem começar a tecer considerações menos fluidas sobre os tempos do Neolítico e Calcolítico do Centro e Sul de Portugal. Apenas com a publicação de longas series de datação como a que foi iniciada em Liceia, se poderá entender o processo de passagem IV/III milénio.

As dificuldades são acrescidas quando nos confrontamos com a escassez de informação para os povoados do Neolítico final em relação ao Calcolítico (que conta com as sequências de ocupação de alguns povoados fortificados). Para além das datas obtidas para Liceia, Olelas e Comporta, contextos muito diferenciados, não temos mais datações para povoados do Neolítico final nas imediações da área em estudo. As sequências obtidas para a Sala n.º 1, Escoural poderão mostrar-nos o grau de diversidade cronológica e cultural deste tipo de contextos. Não se conhecem datações para povoados abertos e de transição como a Parede, que tem os conhecidos problemas de leitura estratigráfica.

Problemas diversos são levantados no estudo das necrópoles. Estas funcionaram como espaço aberto em permanente reutilização, sendo raras as situações claramente definidas. Apenas possuímos datações para as grutas artificiais, obtidas através da datação de alfinetes em osso, e que estão genericamente balizáveis entre os finais do IV milénio e os inícios do III milénio.

## 1.2 Outros indicadores

---

A leitura do Neolítico e Calcolítico da Estremadura não está exclusivamente fundamentada em datas cronométricas ou sequências estratigráficas, mas reside sobretudo nos fósseis indicadores utilizados por investigadores como Savory, Blance ou Sangmeister. Para além de alguns artefactos votivos (como os de calcário), a questão coloca-se sempre em determinadas formas e decorações cerâmicas.

A existência de cerâmica decorada no Calcolítico estremenho proporcionou níveis de leitura centrados em determinados tipos cerâmicos. Contrariamente ao que sucede no Sul de Portugal onde a cerâmica é quase exclusivamente lisa, com grandes permanências de formas, a cerâmica na Estremadura assumiu uma variedade de decorações e tipos, combinados em sequências diferentes. Em termos estritamente materiais é muito difícil identificar um Calcolítico inicial, pleno e final através de conjuntos cerâmicos descontextualizados no Alentejo, mas para a Península de Lisboa conjuntos da mesma natureza propiciaram a construção de “horizontes” e faseamentos extrapoláveis para toda a área. O Calcolítico estremenho está desde há muito preso na teia de sequências genealógicas

das cerâmicas do Neolítico final e Calcolítico. Desmontada a artificialidade da divisão campaniforme / pré-campaniforme, outras divisões se foram instituindo. A sequência de substituição clássica integra esta leitura:

## QUADRO 6

Periodização “clássica” do IV e III milénios estremenhos

| Período             |       | Cerâmica dominante                |
|---------------------|-------|-----------------------------------|
| Neolítico Final     | ----- | bordos dentados e taças carenadas |
| Calcolítico Inicial | ↓     | cerâmica canelada                 |
| Calcolítico Pleno   | ↓     | folha de acácia                   |
| Calcolítico Final   | ↓     | cerâmica campaniforme             |

A cerâmica, como suporte moldável que é, pode ter encerrado diversos tipos de associações e preferências, marcadamente regionais ou até mesmo intra-comunitária. Dentro de um mesmo leque de padrões decorativos com uma extraordinária regularidade existem sempre infinitas possibilidades.

Na Península de Lisboa e Setúbal “as sequências de cerâmica lisa se complexificam pela perturbante presença de decoração cuja temática não parece evoluir mas caminhar aparentemente ao longo do tempo, num esquema de substituições que está longe de estar esclarecido” (Gonçalves, V., 1989, p. 328). Esta poderá ser uma explicação plausível para as diferentes associações conhecidas para alguns dos povoados escavados. Existe uma sequência idealizada mas com débil expressão no registo arqueológico.

Assim, e no que respeita ao Neolítico final, como vimos anteriormente (capítulo sobre a cultura material), a taça carenada não desaparece completamente no Calcolítico e o bordo denteado tem outras expressões, anteriores e posteriores.

Os demais elementos do Calcolítico pleno também surgem em diversas associações. O Zambujal poderá ser um exemplo de leituras perdidas por escavações passadas, mas os dados disponíveis indicam a anterioridade dos copos bem como a presença de campaniformes num momento antigo da construção e ocupação do povoado, com a presença constante da decoração tipo folha de acácia, o que contraria o esquema clássico acima enunciado. Em outros povoados, as presenças podem ser ainda mais equívocas: em Vila Nova de São Pedro escasseia a folha de acácia mas existem copos e campaniforme, na Rotura não existem copos, no Penedo do Lexim o povoado é abandonado antes do campaniforme, na Pedra d’ Ouro existe fundamentalmente folha de acácia (comparações citadas em Gonçalves, V., 1989, p. 328) e na Columbeira não existe folha de acácia.

O próprio campaniforme vem-se desmultiplicando em realidades diversas com significados cronológicos e culturais, para além das óbvias diferenças estilísticas. O campaniforme marítimo/internacional, pontilhado/Palmela, inciso pressupõe também sub-divisões cronológicas, pelo que a designação genérica – sítio com campaniforme – é insuficiente para o tipo de seriação cronológica pretendida.

Acaso estaremos na presença de um acumular de dados truncados apenas discerníveis em sequências como a de Liceia?

As associações podem ser diversas e, como já foi referido, o problema do faseamento do Calcolítico não pode ser compreendido através da tipologia cerâmica pois esta não tem qualquer carácter intrínseco de descritor das alterações sociais, económicas e mentais das comunidades calcolíticas. Preciso é juntar as informações que as sequências de cada sítio podem propiciar num esquema interpretativo mais largo, e que integre outro tipo de indicadores para além da cultura material.

### 1.3 A construção das sequências

---

Como já foi referido, são muito escassos os contextos de Neolítico final datados por métodos absolutos, tanto na Estremadura como no Sul Peninsular. Linceia é mesmo o único povoado da Península de Lisboa onde foi individualizado e datado este período com seis datas obtidas para a camada 4, conhecendo-se ainda as datas obtidas para o povoado de Olelas genericamente caracterizadas como Neolítico. O Neolítico final destes dois povoados situa-se na segunda metade do IV milénio com um aparente desencontro entre as datas: se para Linceia podemos admitir que o Neolítico Final se situa nos quatro últimos séculos do IV milénio, para Olelas a data encontra-se balizada entre 3650 a 3360 (calibradas a 2 sigma). Seria importante explicitar o contexto desta última data isolada.

Para todos os outros contextos apenas contamos com os falíveis indicadores artefactuais e as estratigrafias antigas. Recentemente foram obtidas datas para as grutas artificiais escavadas há muito, com datações bastante variadas oscilando entre meados do IV milénio (Monte Castelo) e meados do III milénio (Palmela). Não existem quaisquer outras datas para o megalitismo da Península de Lisboa.

Fora da área da Península de Lisboa, encontram-se alguns episódicos contextos deste período como Possanco na Comporta. As datações obtidas para a Torre do Esporão 3 (Gonçalves, V., no prelo) ou para Papa Uvas, classicamente atribuíveis ao Neolítico Final pela sua cultura material e morfologia de ocupação, podem revelar alguns elementos perturbadores pela sua reduzida antiguidade.

Perante este panorama, a leitura diacrónica do Neolítico final e Calcolítico do Centro e Sul centra-se assim nas leituras cumulativas dos vários povoados fortificados e nas sequências de datações por estes fornecidas.

Os momentos de *fundação* de qualquer povoado são sempre problemáticos, constituindo um desafio de leitura estratigráfica e também limitados à indefinição das datações absolutas. Esta incerteza é particularmente gravosa para o estudo dos povoados fortificados e para a transição Neolítico final/Calcolítico.

Assim, para as primeiras fases do Zambujal não possuímos praticamente datas de <sup>14</sup>C (Schubart e Sangmeister, 1982-83, p. 33), nem se encontram convenientemente descritos os contextos dos primeiros momentos de utilização do povoado. Em Vila Nova de São Pedro foi identificado um ritual de fundação (Paço, 1943) que envolvia matéria datável que, infelizmente, não foi utilizada.

A informação mais detalhada de Linceia pode indicar-nos o grau de inexactidão de muitas das nossas leituras. Foi identificado desde o início da escavação um nível do Neolítico final (quantos mais povoados fortificados não poderão ter semelhante situação, não explicitada pela estratigrafia e pelas datas) e dois grandes momentos do Calcolítico com fortificações. O programa de datações permitiu obter 25 datações efectuadas em Lyon e pelo ICEN (Cardoso, 1989; Cardoso, Cunha e Aguiar, 1991, Soares e Cardoso, 1995) que permitiram identificar um hiato de ocupação da ordem dos 30-150 anos entre a ocupação do Neolítico final (quatro últimos séculos do IV milénio) e o Calcolítico inicial (três séculos anteriores aos meados do III milénio a.C.).

Para o Penedo do Lexim, não é referida uma ocupação anterior ao Calcolítico, embora nos primeiros trabalhos seja identificado um estrato “neolítico-megalítico”. Na verdade, não existem quaisquer materiais de pendur mais antigo que nos possam indicar essa situação. Situação bem diversa sucede no vizinho povoado de Olelas. Aqui, foi há muito identificada a existência de níveis mais antigos (Serrão e Vicente, 1958), com leituras estrati-

gráficas complexas. Os trabalhos recentes vieram salientar a longa história de ocupação deste povoado (Gonçalves, J., 1997) sem conseguir esclarecer alguns equívocos. A reduzida área ocupada decerto originou remobilizações de materiais e algumas perturbações estratigráficas, além de que poderão ter existido algumas dificuldades em compreender a sequência de ocupação pelos autores da escavação. As próprias datas do “Calcolítico” deste povoado são relativamente antigas, indicando a transição IV/III milénio para os primeiros momentos do Calcolítico.

Se o Penedo do Lexim, Olelas e Liceia são exemplos de povoados fortificados usados desde o Calcolítico inicial, a Penha Verde parece retratar uma situação diversa, que aparentemente data do Calcolítico pleno/final.

A questão do início do Calcolítico estremenho ganhou particular destaque com a “confrontação” com as áreas meridionais. As datas obtidas para o Sul parecem indicar a maior antiguidade do Calcolítico com fortificações comparativamente com a Estremadura, local de protótipos coloniais. A prematuridade cronológica de algumas datas do Monte da Tumba (e de Santa Justa) pode ser explicada através de elevados desvios padrão ou de problemas de contextos, mas a possibilidade da existência deste desencontro temporal entre o Calcolítico estremenho e do Sul não deixa de constituir uma hipótese a considerar. O único povoado onde foi obtida uma margem de segurança suficiente para identificar a data do início de um povoado fortificado calcolítico é Liceia, reocupada cerca de 2800 a.C., data da construção das primeiras linhas defensivas.

Para o Calcolítico inicial conhecem-se ainda algumas datações para além dos povoados fortificados, em povoados abertos como o Alto do Dafundo e os concheiros do Alentejo Litoral (ETAR, Palheiro Furado).

O Calcolítico pleno encontra-se representado por datas difusas nas sequências dos vários povoados, mas pode genericamente considerar-se em meados do III milénio.

## 2. Os “tempos” de Cheleiros

A leitura dos *tempos* de Cheleiros só poderia ser efectuada com dados cumulativos de datas, contextos e estratigrafias de vários tipos de sítios arqueológicos. Infelizmente os dados disponíveis são bastante escassos, pelo que a leitura terá de recorrer a vários tipos de indicadores. A compreensão de uma área de estudo como Cheleiros só poderá ser eficaz quando ao factor espaço se puder adicionar convenientemente o factor tempo. Estas lacunas não são porém exclusivas desta área, onde foram reduzidos e episódicos os trabalhos de investigação. Para outras áreas naturais da Península de Lisboa, como no vale do Sizandro estas dificuldades persistem, apenas existindo datações para o Zambujal, essas mesmas com problemas de leitura estratigráfica.

As leituras espaciais de uma área induzem frequentemente considerações atemporais condensando diferentes momentos da diacronia numa só imagem. O desconhecimento da vertente temporal impede uma real compreensão das permanências/rupturas das modidades de ocupação de um espaço e do processo de construção de uma paisagem social e mental.

A dificuldade em conferir tempo ao espaço em análise não é simplesmente consequência de um posicionamento teórico (ou da sua ausência) mas resulta dos problemas de leitura cronológica da evidência arqueológica. Não sendo viável a prossecução de trabalhos

de escavação e de datação absoluta para todos os sítios arqueológicos de uma região (monumentos megalíticos e povoados) devemos procurar pistas de leitura que nos permitam compreender diacronicamente a realidade em análise.

## 2.1 As datas e as estratigrafias

As datações absolutas disponíveis para a área de Cheleiros são representativas das dificuldades de interpretação de datas de  $^{14}\text{C}$  para a Península de Lisboa. Dois povoados foram objecto de datações absolutas – Olelas e Penedo do Lexim – e na área circundante ainda devem ser referidas as datas obtidas para o povoado da Penha Verde na Serra de Sintra e as da necrópole da Praia das Maças.

### 2.1.1 Penedo do Lexim

Para o **Penedo do Lexim** apenas foram realizadas datações de termoluminiscência apesar da abundância de material datável por  $^{14}\text{C}$  (fauna mamalógica). A datação deste sítio inseriu-se num mais vasto plano de análise que abrangia o Alentejo (Évora/Reguengos) e a Península de Lisboa (Sintra/Mafra). Para além de todos os problemas inerentes à TL, a dispersão cronológica (Neolítico e Calcolítico), geográfica e contextual (povoados, antas e *tholoi*) tornou pouco eficaz este projecto de investigação (Whittle e Arnaud, 1975).

Também se deve referir que os artefactos cerâmicos não foram recolhidos no processo de escavação mas “from a small trench dug at the time” (Whittle e Arnaud, 1975, p. 9).

### QUADRO 7

Datações de termoluminiscência do Penedo do Lexim

| Ref. Laboratório | Amostra  | Data     | Período     | Fase ocupação |
|------------------|----------|----------|-------------|---------------|
| OxTL-169e(ii)    | cerâmica | 3055±290 | Neolítico   | estrato C.    |
| OxTL-169e(i)     | cerâmica | 2650±260 | Calcolítico | estrato B.    |

O problema colocado ao (estudo) do Penedo do Lexim durante a preparação das datações de TL foi a distinção das duas fases de ocupação definidas na primeira etapa de trabalhos daquele povoado. No decurso das primeiras escavações foram identificados quatro “estratos”:

### QUADRO 8

Fases de ocupação do Penedo do Lexim segundo Arnaud [et al.], 1971

| Níveis    | Profundidade        | Caracterização                                   |
|-----------|---------------------|--|
| Estrato A | 0 - 10 cm           | Nível revolvimento                               |
| Estrato B | 10 - 40 cm          | “fase pré-campaniforme do Eneolítico estremenho” |
| Estrato C | 40 - 80/120 cm      | cerâmica “megalítica” e abundância de fauna      |
| Estrato D | 80/120 - 160/200 cm | Solo não arqueológico                            |

Foram recolhidas seis amostras dos dois estratos principais. Independentemente do facto das escavações realizadas dois anos mais tarde oferecerem uma leitura estratigráfica ligeiramente alterada (Arnaud, 1974-77), a questão colocada ficou por responder uma vez que o elevado desvio padrão impede uma distanciação dos dois níveis existindo uma sobreposição das datas. A utilização das datas de termoluminiscência não esclareceu uma evidência estratigráfica, embora fosse obvia a existência de uma ocupação restrita iniciada



## PENEDO DO LEXIM

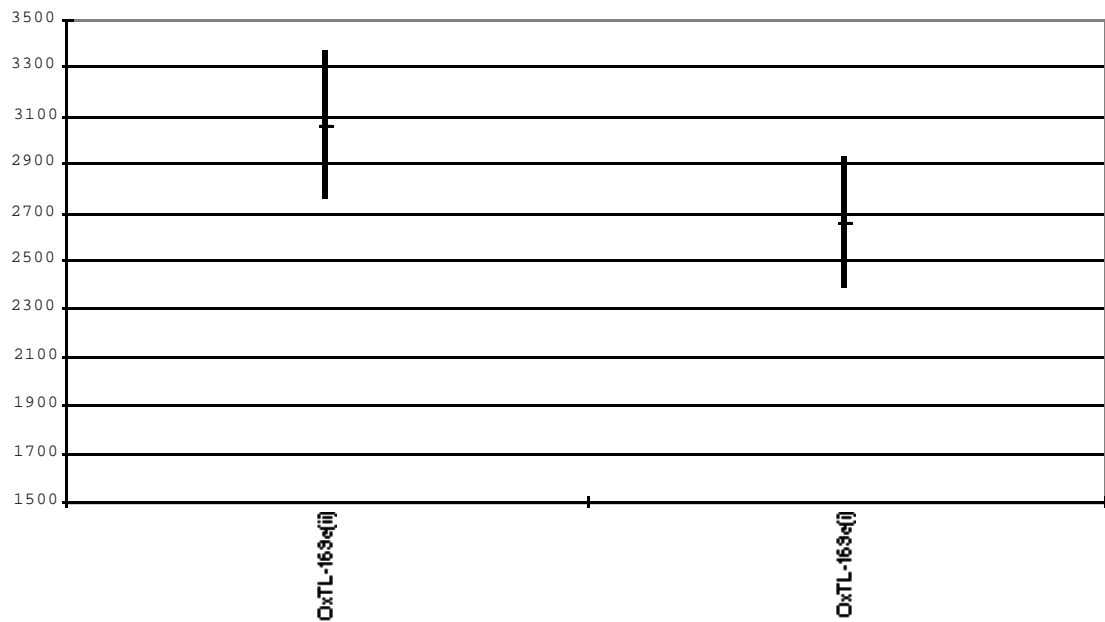


FIG. 33 – Datações de termoluminiscência do Penedo do Lexim.

algures no Neolítico e perdurando até ao Calcolítico. Todas as outras questões que a utilização da TL pretendia responder ficaram em aberto: a datação das diferentes fases do megalitismo do Sul e da Estremadura bem como o faseamento de alguns povoados. Foi muitas vezes citada a comparação das datas obtidas para o Penedo do Lexim com as datações da Serra das Baútas, povoado localizado na mesma área regional, estudado pelos mesmos investigadores e também integrado no projecto de datação por termoluminiscência. Na verdade, as pontes de ligação entre estes dois contextos são frágeis.

Os trabalhos de escavação desenvolvidos ulteriormente no Penedo do Lexim vieram explicitar pouco a sequência de ocupação. Foram empreendidas escavações em dois sectores do povoado (quadrados A e B) com leituras ocupacionais ligeiramente diferenciadas. O facto da escavação do quadrado B não ter sido concluída limita as possíveis interpretações. Nesta altura foi identificada a existência de um nível de ocupação do Bronze Final e a inexacta atribuição ao Neolítico final de alguns materiais arqueológicos como “pegas mamilares horizontais de pasta muito grosseira” (Arnaud, 1974-77, p. 401). A área restrita em que foram efectuadas escavações nas duas campanhas dos inícios dos anos 70 e as leituras diferentes que estas apresentaram, levam-me a aceitar com muitas reservas a sequência estratigráfica proposta (Arnaud, 1974-77, p. 401) até porque num dos quadrados (B) a escavação não foi concluída.

### *Calcolítico Inicial*

Estrato 4 do quadrado A e estrato 5 do quadrado B e correspondente ao estrato C das escavações de 1970. A caracterização deste nível de ocupação limita-se a descrições sedimentológicas, bem como a referência a materiais arqueológicos paradigmáticos como a cerâmica canelada (copos e hemisferas) com motivos lineares horizontais e com hemicírculos concêntricos acoplados, ondulados, horizontais ou verticais; ou presença de “ídolos de cornos”. É também referida a abundância de fauna mamalógica e malacológica (situação já identificada para o estrato C da campanha anterior). Embora as publicações sejam pouco cla-

ras, parece que este primeiro nível de ocupação corresponderia também à edificação das primeiras estruturas defensivas, as considerações de este estrato ser o “mais antigo e mais importante deste povoado fortificado” (Arnaud, 1974-77) são pouco explícitas. A existência de um nível “neolítico-megalítico” identificado em 1970 não é referida na publicação mais

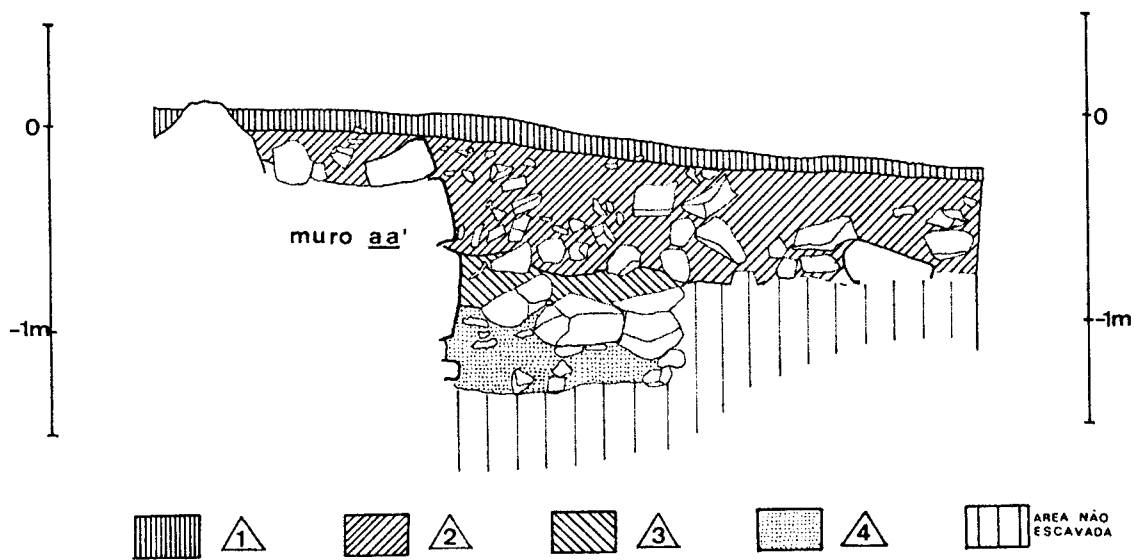


FIG. 34 – Quadrado A, perfil Sul. Estratigrafia do Penedo do Lexim segundo Arnaud, 1974-77, p. 399.

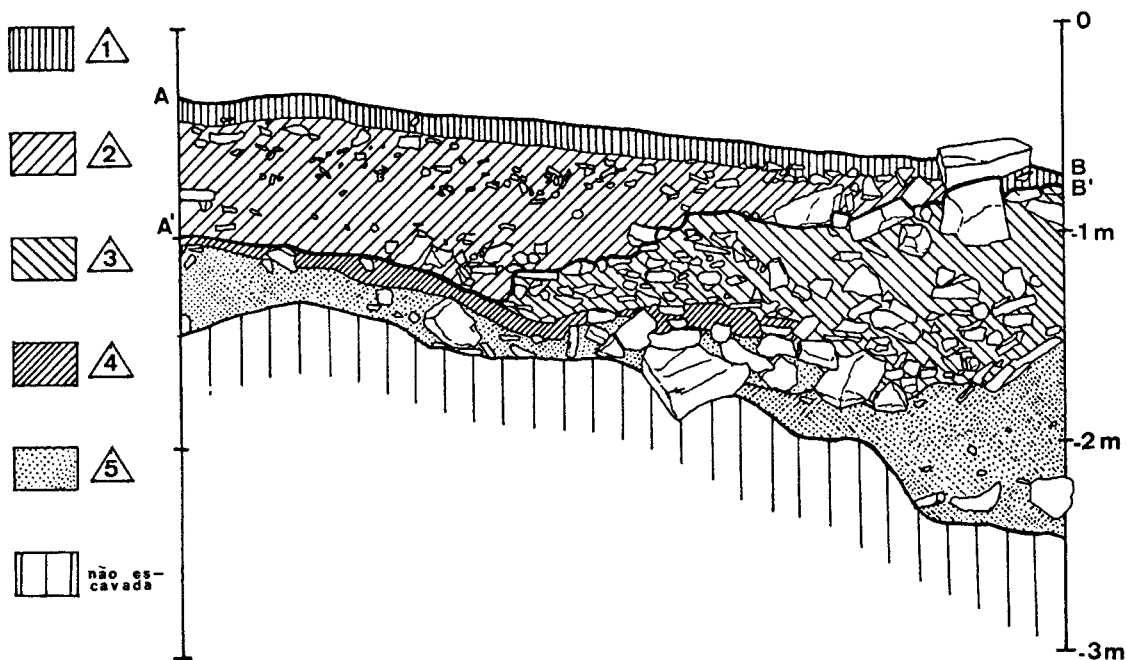


FIG. 35 – Quadrado B, perfil Sul. Estratigrafia do Penedo do Lexim segundo Arnaud, 1974-77, p. 400.

recente, embora o estrato C (Neolítico) seja correspondente a este nível de ocupação. Fica por esclarecer a existência de níveis de ocupação anteriores ao Calcolítico.

### *Calcolítico*

Estrato 3 do quadrado A. Distinto estratigraficamente do anterior, este nível arqueológico também aparenta pertencer aos momentos iniciais do Calcolítico, com abundância de copos e outras cerâmicas caneladas e a ausência de decoração tipo folha de acácia.

### *Calcolítico pleno*

Estrato 2 do quadrado A e estrato B das escavações de 1970. Para este nível de ocupação são avançados alguns problemas de leitura estratigráfica, originada pelas “reocupações que este local sofreu” (Arnaud, 1974-77, p. 399). Os materiais arqueológicos reportam-se a cerâmica com folha de acácia impressa, caneluras fundas, incisões paralelas ou onduladas junto ao bordo. É particularmente significativa a ausência de cerâmica campaniforme e a presença de um fragmento de copo (apesar das alterações sofridas por esta camada). O corte estratigráfico publicado parece indicar que este nível arqueológico ocuparia a maior parte da sequência (0.50 a 0.60 m de espessura).

O autor das escavações referiu frequentemente que este povoado teria sido somente ocupado durante o Calcolítico inicial e pleno, com um abandono antes da divulgação das cerâmicas campaniformes. A presença de um povoado com abundante cerâmica campaniforme incisa (e alguma marítima) em frente ao Penedo do Lexim, poderá corresponder a um momento de abandono do povoado e de ocupação de novos sítios como Anços.

### *Bronze Final/Ferro (estrato 2 do quadrado B)*

As sequências estratigráficas publicadas em 1971 e 1977, bem como as datas absolutas obtidas para o Penedo do Lexim, constituem uma frágil base para tecer considerações sobre os tempos deste povoado fortificado. Na verdade, a informação disponível é pouco mais detalhada do que uma mera seriação tipológica de materiais arqueológicos recolhidos sistematicamente. Sabemos muito genericamente que este povoado foi construído e ocupado entre os finais do IV milénio e a primeira metade do III milénio a.C. correspondendo a um Calcolítico inicial e pleno.

#### *2.1.2 Olelas*

Contrariamente ao que sucede para o Penedo do Lexim, possuímos para Olelas um número significativo de datações de <sup>14</sup>C realizado sobre osso (e não carvão), que pode garantir menor mobilidade deste elemento bem como uma vida mais curta a datar.

O problema não reside aqui na operacionalidade das datas mas a indefinição dos seus respectivos significados. Apenas pude utilizar a informação publicada por Cunha Serrão e Prescott Vicente (bem como as fichas dos materiais, com locais de proveniência e algumas notas, em depósito no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas) e as informações genéricas de Ludgero Gonçalves (Gonçalves, J., 1990-92).

Aparentemente a vida deste povoado teria sido bastante extensa, podendo servir de base para a compreensão da diacronia do Neolítico e Calcolítico numa só sequência.

## QUADRO 9

Datações de Olelas (Gonçalves, J., 1997)

| Ref. Laboratório | Amostra               | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Período     | Fase ocupação    |
|------------------|-----------------------|-------------------|---------------------|-------------|------------------|
| ICEN-878         | osso                  | 4730±60BP         | 3650-3360           | Neolítico   | torre 3.cam 4.   |
| ICEN-879         | osso                  | 4400±45BP         | 3294-2910           | Cal.inicial | torre 3.cam 3    |
| ICEN-880         | <i>Pecten maximus</i> | 4310±110BP        | 3330-2610           | Cal.inicial | torre 3.cam 3    |
| ICEN-939         | ossos                 | 4630±60BP         | 3260-2880           | Cal.inicial | torre3.muralha   |
| ICEN-347         | ossos                 | 4060±70BP         | 2870-2420           | Calcolítico | corredor muralha |
| ICEN-346         | ossos                 | 4350±150BP        | 3490-2510           | Calcolítico | corredor muralha |

### OLELAS

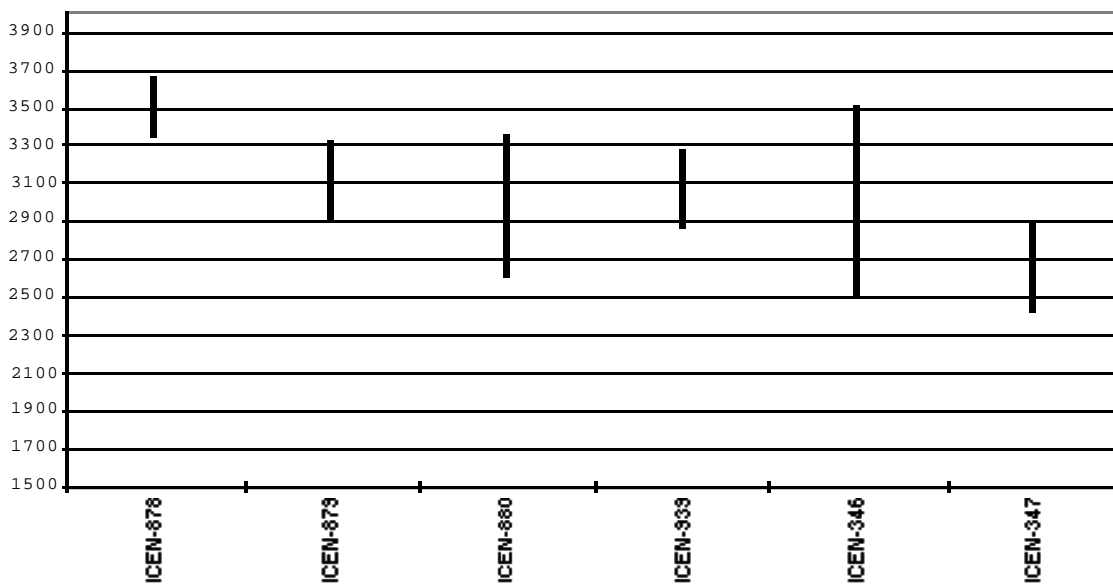


FIG. 36 – Datações de Olelas calibradas a 2  $\sigma$ , segundo o Programa CALIB 3.0.3 e a curva de intersecções de Stuiver e Reimer, 1993.

As datas obtidas parecem documentar três momentos de utilização do povoado na sequência da escavação da torre n<sup>o</sup> 3 realizada por Ludgero Gonçalves.

#### *Neolítico (Médio, Final ?)*

Corresponde à camada 4 das escavações de Ludgero Gonçalves. Em termos de cultura material, este nível é caracterizado pela presença de cerâmica de tradição antiga (cerâmicas impressas e incisas), bem como taças carenadas e bordos denteados. A definição da associação clara entre estes materiais não é explícita, constituindo mesmo um dos problemas de definição do Neolítico final estremenho. A atribuição de cerâmicas incisas e impressas ao Neolítico Final (Cardoso e Carreira, 1995) foi efectuada através de materiais sem contexto e com base nos materiais de Liceia. Pelo que actualmente se conhece dos materiais cerâmicos da camada 4 de Liceia não podemos encontrar paralelismo com os sítios citados (Furninha,

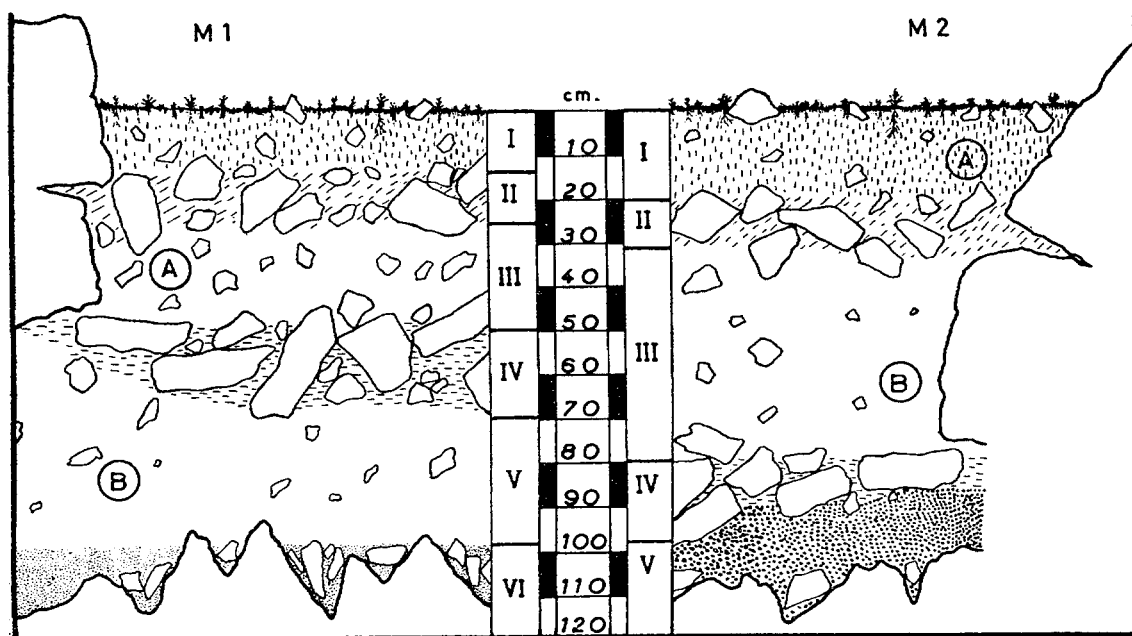


FIG. 37 – Estratigrafias dos monumentos 1 e 2 segundo Cunha Serrão e Prescott Vicente (1958).

Olelas, Negrais, Alto do Montijo...), além de que recentes datações vêm colocar cerâmicas impressas deste tipo no Neolítico antigo (Simões, 1996).

As próprias escavações realizadas por Prescott Vicente e Cunha Serrão já indicavam a dificuldade de distinguir as fases deste povoado. A mera observação dos materiais cerâmicos deste povoado (escavações antigas) parece indicar-nos a presença de algumas cerâmicas decoradas de tradição antiga que fogem ao que se conhece em contextos de Neolítico Final como Liceia (cerâmicas de decoração incisa em espiga, com abundância de aplicações plásticas - asas, cordões e um tratamento de pasta diferenciado). Ainda com base nos materiais cerâmicos antigos com descrições sumárias de proveniência, a distribuição dos vários tipos cerâmicos nas três áreas escavadas – monumento 1, monumento 2 e terreno A – apresenta presenças/ausências significativas.

A primeira observação diz respeito ao terreno A, que parece incluir materiais mais antigos (56,7%), e dentro dos materiais do Neolítico final-Calcolítico os mais numerosos são as formas carenadas e os bordos denteados. Cunha Serrão e Prescott Vicente diriam então que “os construtores do monumento não teriam sido os mesmo que habitaram o Terreno A. Teriam vindo posteriormente, habitariam outros locais e teriam aproveitado o planalto situado na parte mais elevada da montanha” (Serrão e Vicente, 1958, p. 95). Apesar da preponderância dos materiais mais antigos, existe uma presença residual de materiais como potes com folha de acácia impressa e caneluras fundas, cerâmica canelada e até mesmo de campaniforme, ainda que em número muito reduzido. A unidade desta camada arqueológica é referida pelos autores da escavação, que não obstante referem que “nas camadas superiores revolvidas pelos instrumentos agrícolas, havia também materiais cuja posição não merecia confiança” (Serrão e Vicente, 1958, p. 92). O registo do materiais em depósito no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas não incluí especificações de proveniência.

No interior do Monumento 1 (torre oca) também foi identificado um nível mais antigo – Camada C, “níveis baixos/inferiores” ou nível VI – nível argiloso que preenche os

interstícios do lapiás que corresponderia aos primeiros momentos de ocupação do sítio, provavelmente anterior à construção da estrutura. Nestes níveis de base existe um número de cerâmicas de tradição antiga muito restrito (7,3%) e entre os outros recipientes contam-se carenas, taças de bordo em aba e outras cerâmicas lisas bem como número reduzido de cerâmica canelada (quatro fragmentos) e com decoração em xadrez (2). É curioso referir que nem no terreno A nem na chamada camada C se identificaram fragmentos de copos.

O contexto da data obtida não é ainda bem conhecido, mas já os trabalhos antigos tinham identificado este nível anterior ao Calcolítico. A data obtida indica uma ocupação entre os últimos dois séculos da primeira metade do IV milénio e os primeiros dois séculos da 2.<sup>a</sup> metade, ligeiramente mais antiga que as datas obtidas para o Neolítico Final de Liceia. Será preciso esperar para uma identificação mais clara do contexto datado e obter mais datas com a mesma proveniência, para poder identificar a sequência de Olelas.

### *Calcolítico Inicial*

Correspondendo ao nível 3 da torre 3 escavada por Ludgero Gonçalves. Foram obtidas três datas para este nível, uma delas com um intervalo de tempo bastante curto (45 anos) e que indica uma datação de finais do IV milénio/inícios do III milénio para o início do Calcolítico de Olelas também indicada pela data da “muralha”. A outra data tem um intervalo consideravelmente mais alargado (110 anos) pelo que se torna difícil confrontá-la com as anteriores. Estas datações também indicariam o início do Calcolítico em época mais recuada do que acontece em Liceia (cerca de 2800 a.C.) ou no Zambujal.

Sendo as camadas do Neolítico final e do Calcolítico inicial de Olelas mais antigas do que nos demais contextos datados, a utilização desta informação deverá ser com precaução. Ou as datas deverão ser confirmadas com uma sequência mais extensa ou os contextos que estas datam poderão ser mais complexos que a uma mera divisão quadripartida (Neolítico final, Calcolítico inicial, Calcolítico pleno e final) proposta para Liceia.

Nas antigas escavações, a sequência do monumento 1 indicava a presença de um nível de base antigo, anteriormente referido, e, sobre este, um outro (Camada B, nível V), separado dos níveis associados à construção da estrutura por um enchimento de pedras. Nesta Camada B, a cerâmica era maioritariamente não decorada, abundando as carenas e os bordos denteados, além de que “os utensílios ou armas de pedra e osso eram mais toscos e em menor quantidade do que os da camada superior” (Serrão e Vicente, 1958, p. 104). Também neste nível não existem copos nem folha de acácia impressa.

Poderemos estar então na presença de um nível anterior ao Neolítico final (Neolítico médio ?) na camada 4 de Ludgero Gonçalves, camada C de Cunha Serrão e Prescott Vicente, um outro que corresponderia ao Neolítico final (camada B de Cunha Serrão, camada 3 de Ludgero Gonçalves) e só então as primeiras construções calcolíticas (camada A de Cunha Serrão e 2 de Ludgero Gonçalves). Esta divisão poderia explicar a precocidade do Neolítico final de Olelas e também do seu Calcolítico inicial ...

### *Calcolítico*

Datas provenientes de uma zona de corredor da muralha de acordo com Ludgero Gonçalves. As datas obtidas indicam-nos a primeira metade do III milénio a.C. A presença de uma camada do Calcolítico pleno já havia sido identificada (camada A) por Cunha Serrão e Prescott Vicente. As camadas superiores do monumento 1 encontravam-se natu-

ralmente afectadas por uma contínua utilização da área, tanto em momentos subsequentes ao Calcolítico como para práticas agrícolas. Assim, é referido que “todo o conteúdo do monumento havia sido remexido, destruído e disperso (Serrão e Vicente, 1958, p. 101), encontrando-se fragmentos do mesmo vaso em locais e profundidades diferentes.

A sequência de datações de Olelas termina em meados do III milénio, mas decerto que este povoado continuou em utilização até momentos mais recentes, conforme pode ser indicado pela presença de algumas cerâmicas campaniformes marítimas com excelente tratamento de superfície e também de abundante cerâmica campaniforme incisa.

A estratigrafia de Olelas permanece por esclarecer desde os primeiros trabalhos de Cunha Serrão e Prescott Vicente até aos nossos dias, muito embora actualmente contemos com seis datas de  $^{14}\text{C}$ , que por si só não resolvem esta leitura complexa.

Muito provavelmente, Olelas integra uma sequência de ocupação bastante extensa e que nunca foi integralmente identificada em qualquer estação da Península de Lisboa, congregando níveis mais antigos (Neolítico antigo evolucionado, Neolítico médio), Neolítico final, Calcolítico inicial pleno e final. A definição correcta desta sequência seria prioritária para a compreensão da história dos tempos de Cheleiros (podendo esclarecer outras realidades similares como as de Negrais e no Penedo da Cortegaça).

## **2.2 Etapas das comunidades neolíticas e calcolíticas da Ribeira de Cheleiros : uma primeira leitura**

---

Apesar da área de Cheleiros contar com dois sítios datados cronometricamente, situação privilegiada em relação a outras áreas como o Vale do Sizandro onde apenas existem as datas do Zambujal, as circunstâncias de investigação destes dois sítios impedem-me de utilizar convenientemente esta informação. Independentemente do tipo de metodologia, as dificuldades de compreensão da sequência de Lexim e Olelas residem num insuficiente conhecimento do universo datado (escavações antigas, problemas abandonados no decurso dos trabalhos...), tendo de se utilizar leituras estratigráficas de alcance limitado.

A completa compreensão da sequência do povoado de Olelas poderia ser de incomparável utilidade para o estabelecimento de faseamentos nas “histórias” da Ribeira de Cheleiros uma vez que ali se conservou uma longa sequência. Ao invés, o aparente carácter limitado da ocupação do Penedo do Lexim poderá indicar-nos uma situação inversa: a ocupação do local já em inícios do Calcolítico e o seu abandono em meados do III milénio, preconizando uma (relativa) curta ocupação da margem direita da Ribeira de Cheleiros.

A partir dos dados “absolutos” disponíveis para a área em estudo mas também para o espaço da Península de Lisboa, torna-se necessário conferir tempo ao espaço de Cheleiros. Para muitos dos (escassos) sítios contamos apenas com fragmentos descontextualizados de uma complexa cultura material, cujos significados cronológicos e culturais estão imbuídos de pressupostos com dezenas de anos, fortemente enraizados na investigação arqueológica desta área e que eventualmente poderão impedir-nos de ver imagens que escapem a esse universo.

A escassa informação para interpretar diacronicamente esta área da Ribeira de Cheleiros quase que nos limita à perigosa e errada concepção de um Calcolítico pré e pós campaniforme.

## QUADRO 10

### Perspectiva diacrónica dos sítios de Cheleiros

|                 | Negraís | Funchal | S.M.O. | Anços | Cortegaça | C. Velhas | Lexim | Olelas | A. Montijo |
|-----------------|---------|---------|--------|-------|-----------|-----------|-------|--------|------------|
| Neolítico Final | •       | •       | •      | •     | •         | •         |       | •      | •          |
| Cal. Inicial    |         |         |        |       | •         |           |       | •      |            |
| Cal. Pleno      |         |         |        |       | ?         |           | •     | •      | •          |
| Cal.-Camp. mar  |         | •       |        | •     | ?         |           | •     | •      |            |
| Cal.-Camp. inc. | •       | •       | •      | •     | •         | •         |       | •      | •          |

- presença
- ? dados insuficientes

Grande parte dos sítios são ocupados no Neolítico final (finais do IV milénio a.C.) e reocupados no Calcolítico final (sobretudo com o Campaniforme Inciso). O abandono de povoados poderá implicar uma grande variedade de possíveis explicações, de ordem económica, social, ideológica. Na verdade, esses sítios implantam-se em áreas com reduzida defensabilidade, com dificuldades em delimitar uma área de ocupação.

O povoamento mais ou menos disseminado do Neolítico final parece condensar-se no Calcolítico a um número de sítios mais restrito, situado nas partes terminais da Ribeira de Cheleiros. Paradoxalmente os povoados com evidências de Calcolítico inicial e pleno (Penedo do Lexim, Olelas, Alto do Montijo e eventualmente Cortegaça) situam-se em áreas relativamente próximas em sítios ocupados anteriormente (como Olelas) e noutros sem anteriores utilizações (Penedo do Lexim).

A questão das permanências registadas em Olelas implica um outro tipo de considerações: por um lado, podemos supor que existiram condicionantes que motivaram a continuidade de ocupação por mais de dois milénios; por outro lado, devemos questionar a existência de uma real continuidade ou antes uma sobreposição de fases de ocupação (eventualmente com hiatos), como sucedeu em Liceia.

A sequência de ocupação no Penedo do Lexim só poderá ser aferida com novos trabalhos de escavação neste local. Aparentemente somente no Calcolítico inicial se inicia a ocupação deste povoado, sendo abandonado antes do aparecimento das primeiras cerâmicas campaniformes.

Esta situação regista uma inversão no Calcolítico final com um elevado número de sítios arqueológicos com Campaniforme inciso, tanto na área da Ribeira de Cheleiros como em áreas completamente expostas (no litoral, sítios como Casal de Pianos ou Adraga) ou em áreas com elevada defensabilidade como Olelas e Penha Verde. Verifica-se uma reocupação de muitos dos sítios do IV milénio, situação identificada em outros locais como nos povoados da Ribeira de Alcântara.

## QUADRO 11

### Datas de povoados Neolítico Final/Calcolítico da Península de Lisboa

| Ref. Laboratório | Amostra | Data convencional | cal BC a $2\sigma$ | Fase ocupação      | Fase const. |
|------------------|---------|-------------------|--------------------|--------------------|-------------|
| Liceia           |         |                   |                    |                    |             |
| ICEN-827         | carvão  | 7930±60 BP        | 7030-6560          | C4 Neolítico Final |             |
| ICEN-1160        | carvão  | 4630±45 BP        | 3260-3110          | C4 Neolítico Final |             |
| ICEN-312         | carvão  | 4530±100 BP       | 3610-2920          | C4 Neolítico Final | Fase I      |
| ICEN-313         | carvão  | 4520±70 BP        | 3630-2890          | C4 Neolítico Final | Fase I      |
| ICEN-316         | carvão  | 4520±70 BP        | 3490-2930          | C4 Neolítico Final | Fase I      |
| ICEN-1161        | osso    | 4440±50 BP        | 3337-2917          | C4 Neolítico Final |             |



## QUADRO II

### Datas de povoados Neolítico Final/Calcolítico da Península de Lisboa

| Ref. Laboratório    | Amostra     | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Fase ocupação       | Fase const.   |
|---------------------|-------------|-------------------|---------------------|---------------------|---------------|
| <b>Liceia</b>       |             |                   |                     |                     |               |
| ICEN-1159           | osso        | 4430±50 BP        | 3333-2915           | C4 Neolítico Final  |               |
| ICEN-I 158          | osso        | 4320±60 BP        | 3090-2710           | C4 Neolítico Final  |               |
| ICEN-674            | carvão      | 4370±60 BP        | 3290-2880           | C3 Cal Inicial      | Fase IV       |
| ICEN-I 173          | osso        | 4170±50 BP        | 2888-2581           | C3 Cal Inicial      |               |
| ICEN-91             | osso        | 4130±60 BP        | 2880-2490           | C3 Cal Inicial      | Fase II       |
| ICEN-673            | carvão      | 4130±100 BP       | 2920-2460           | C3 Cal Inicial      | Fase IV       |
| ICEN-675            | carvão      | 4100±120BP        | 2890-2410           | C3 Cal Inicial      | Fase III      |
| ICEN-1175           | osso        | 4090±80 BP        | 2880-2460           | C3 Cal Inicial      |               |
| ICEN-1176           | osso        | 4090±60BP         | 2880-2460           | C3 Cal Inicial      |               |
| ICEN-1177           | osso        | 4050±50 BP        | 2860-2461           | C3 Cal Inicial      |               |
| ICEN-1174           | osso        | 3980±50 BP        | 2587-2335           | C3 Cal Inicial      |               |
| LY-4205             | carvão      | 4030±120          | 2890-2460           | C3 Cal Inicial      | Fase V        |
| ICEN-92             | carvão      | 4200±70 BP        | 2820-2580           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-89             | osso        | 4200±70 BP        | 2920-2580           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-95             | Venus sp.   | 3990±70 BP        | 2850-2290           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-102            | patella sp. | 3970±70 BP        | 2840-2210           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-737            | osso        | 3920±70 BP        | 2578-2147           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-314            | carvão      | 3770±130 BP       | 2560-1780           | C2 Cal Pleno        | Fase V        |
| ICEN-315            | carvão      | 3730±170 BP       | 2580-1680           | ant.Camp            | Fase V        |
| Ref. Laboratório    | Amostra     | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Fase ocupação       | Fase const.   |
| <b>Alto Dafundo</b> |             |                   |                     |                     |               |
| ICEN-446            | Patella sp. | 4300±60BP         | 2040-2700           | Cal. inicial.       |               |
| Ref. Laboratório    | Amostra     | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Fase ocupação       | Fase const.   |
| <b>Zambujal</b>     |             |                   |                     |                     |               |
| GrN-6671            | carvão      | 4170±55BP         | 2890-2580           |                     | Fase Vx2a     |
| GrN-7002            | carvão      | 4050±40BP         | 2854-2465           |                     | Fase Vx 3a    |
| GrN-7003            | carvão      | 4055±40 BP        | 2856-2466           |                     | Fase Vx 3b    |
| GrN-7004            | carvão      | 3995±35 BP        | 2581-2410           |                     | Fase Vx 3b    |
| GrN-7005            | carvão      | 4055±40 BP        | 2855-2466           |                     | Fase Vx 3c    |
| GrN-6670            | carvão      | 4150±105 BP       | 2920-2460           |                     | Fase Vx 3c/4a |
| GrN-6669            | carvão      | 4025±95           | 2880-2280           |                     | Fase Vx 4b    |
| GrN-7007C           | carvão      | 3950±65 BP        | 2590-2210           |                     | Fase Vx 4b    |
| GrN-6668            | carvão      | 3625±65 BP        | 2180-1770           |                     | Fase Vx 4c    |
| GrN-7009            | carvão      | 4200±40BP         | 2893-2620           |                     | Fase Vx 2a    |
| GrN-7009            | carvão      | 4200±40BP         | 2893-2620           |                     | Fase II 2a    |
| Ref. Laboratório    | Amostra     | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Fase ocupação       | Fase const.   |
| <b>Pragança</b>     |             |                   |                     |                     |               |
| ICEN-573            | osso        | 4120±50 BP        | 2878-2496           | Calcolítico         |               |
| ICEN-572            | osso        | 4050±60BP         | 2870-2460           | Calcolítico         |               |
| Ref. Laboratório    | Amostra     | Data convencional | cal BC a 2 $\sigma$ | Fase ocupação       | Fase const.   |
| <b>Penha Verde</b>  |             |                   |                     |                     |               |
| W-656               | carvão      | 3420±200BP        | 2280-1260           | Campaniforme tardio |               |